

SIFEDOC 2018 – III Seminário Regional
20 anos de Educação do Campo
UFRGS - Litoral Norte e Região Metropolitana
Osório / RS – 10 e 11 de setembro 2018

Mesa dia 10 de setembro – 13h30: “**Balanco dos 20 anos da Educação do Campo**”

Roteiro de exposição Roseli Salet Caldart

2018: 20 anos da Educação do Campo (EdoC). Temos realizado diversas atividades de comemoração aproveitando o ensejo para avançar em uma análise coletiva da situação geral e organizar a continuidade de nossa mobilização, desde o campo e desde a educação. Mobilização de luta para construção de nossas concepções de sociedade, de agricultura, de educação, de escola... Estamos fazendo isso porque acreditamos que a EdoC não tem volta. Estamos do lado certo da história: o lado da luta pela vida, produzida e reproduzida na forma rica e diversa, igualitária e bela, como deve ser. E é essa força que ninguém pode nos tirar. Especialmente se soubermos extrair os aprendizados das derrotas políticas de cada momento.

O momento atual é de *resistência ativa*: não podemos nos dispersar! Precisamos fortalecer nossa organização, politizar a luta e potencializar os espaços formativos conquistados. E é preciso planejar com mais cuidado nossas atividades de formação: não podemos desperdiçar tempo, energia, recursos, mobilização...

A avalanche neoliberal que configura a conjuntura atual não tem como se sustentar por muito tempo: é insanidade pura... Como disse alguém a propósito do incêndio criminoso do Museu Nacional no dia 2 de setembro, uma das expressões macabras da lógica atual: o que tentam cinicamente apresentar como austeridade nessa lógica, é o que bem pode ser chamado de *deixar queimar, deixar morrer*... Fiquemos ativos na luta geral que avança contra este estado de coisas; luta que é do conjunto da classe trabalhadora. Sem deixar de continuar firmes no nosso trabalho do dia a dia, de modo que ele tome parte da construção do futuro...

Nossa tarefa aqui é participar dos esforços de balanço dos 20 anos da EdoC. Há muitas formas de fazer este balanço. E se trata de uma tarefa coletiva que vai sendo feita a várias mãos e cabeças... Compôr este balanço é desafio de todos/todas nós que somos do campo ou que construímos o vínculo com a realidade do campo e seus diferentes sujeitos, identificando-nos ou não como EdoC. – Lembrando: só se faz balanços do que se quer que continue a existir, exatamente porque analisar o que fizemos ajuda a planejar o que fazer, a projetar nosso futuro...

Para esta exposição escolhi trazer aspectos deste balanço buscando responder à questão: *qual a força material da EdoC hoje*, resultado destes 20 anos de luta e construção?

Força material quer dizer: aquilo que sustenta e move uma determinada realidade; o que mantém a vida de alguma coisa... Podem ser aspectos materiais mesmo, mas também podem ser ideias, valores, princípios, desde que organicamente entranhados na existência material, na vida prática...

Em outra forma de dizer poderíamos perguntar: *quais os pilares fincados* que deixam a construção mais firme diante dos ataques deste “tempo de guerra”, deste “tempo sem sol”... tempo do “deixar queimar”...?

Ou podemos pensar em uma analogia que nos é mais próxima: aprendemos com a Agroecologia que a base de uma agricultura que alimenta a nossa saúde é um solo saudável: solo sadio -> planta sadia -> ser humano sadio, nos alerta a grande mestra Ana Primavesi¹... Para nós a pergunta é então: *qual o solo vivo da EdoC*, que firma as raízes do que plantamos nestes 20 anos e permite que a planta siga forte, *resiliente*...?

Nenhuma construção é indestrutível e toda construção precisa de cuidados: “manutenção”, atualizações, novos componentes... E todo solo pode ser (como tem sido!) degradado a ponto de extinguir sua vida e a vida que gera... A força material da EdoC é construção histórica, não é dada nem se manterá se cada um de seus componentes, e suas relações, não merecerem nosso cuidado permanente...

Organizei a resposta sobre qual é a *força material da EdoC* ou sobre quais os *componentes do solo saudável da EdoC* em alguns pontos afirmativos. Para nossa reflexão e nossos debates... Para que pensemos sobre o que principalmente precisa de nosso cultivo para que essa planta continue a nos fornecer energia vital...

Cada ponto de força nos pode ajudar depois na análise das fragilidades que identificamos na realidade particular na qual atuamos, tornando-se desafios coletivos de superação, de continuidade do trabalho, das lutas...

1. Começo pelo que não veio primeiro: o *conceito de Educação do Campo*. Que remete a uma *concepção*: o que a EdoC efetivamente é... Retomar entre nós a compreensão sobre o que é EdoC pode ajudar no balanço. E porque o conceito de EdoC é um dos produtos destes 20 anos (integra seu legado à história da educação brasileira). Este conceito remete à construção teórica, elemento imaterial do percurso que já ninguém pode nos tirar (construímos!), mas que nossa tarefa é impedir que seja “queimado”, apagado da história; ou que vire letra morta, descolado da realidade que o produziu...

EdoC é sinônimo de luta. Luta social pelo acesso dos trabalhadores do campo à educação (e não a qualquer educação) feita por eles mesmos (sujeitos coletivos diversos) e não apenas em seu nome. Luta que é pressão coletiva que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. A Educação do Campo não é *para* nem apenas *com*, mas sim *dos* camponeses, expressão legítima de uma pedagogia do oprimido.

As lutas chamaram práticas que foram desenhando a EdoC como uma *forma social de pensar e fazer a educação* que se enraíza no passado ou na história de seus sujeitos coletivos particulares e projeta um futuro que lhes pode ser comum, vinculado ao destino histórico de outros sujeitos coletivos e da classe que é a portadora de futuro: a classe trabalhadora.

¹ “O homem [ser humano] somente terá saúde se os alimentos possuírem energia vital. Os alimentos somente possuem energia vital se as plantas forem saudáveis. As plantas somente serão saudáveis se o solo for saudável...” (Primavesi, Ana. *Manual do solo vivo*. Expressão Popular, 2016, p.9.)

A EdoC hoje é *objeto de estudo, de pesquisa, de crítica prática e teórica*. E isso também é afirmação de sua existência: não se estuda o que não tem algum significado histórico, alguma força real... Os estudos podem ajudar no avanço das práticas...

A EdoC já se configura também como uma *categoria de análise* da realidade educacional das famílias trabalhadoras do campo: situação de acesso, práticas, existência ou não de políticas de educação e sua implementação... Isso já não vale apenas para pensar a situação brasileira, onde a EdoC nasceu. Pode servir para análise da realidade educacional do campo em outros lugares, mesmo que com outras denominações...

O surgimento do termo ou da expressão “Educação do Campo” pode ser datado: é exatamente ele que está completando 20 anos em 2018. O conceito foi construção coletiva diretamente vinculada aos processos de luta e construção. Começamos pensando o que não éramos ou não queríamos ser: EdoC não é “educação rural”... – Esta é uma boa pergunta para nosso balanço formativo: quanta gente entende hoje a diferença entre EdoC e educação rural... – Todos os que pensam que “tudo é agronegócio” e “o agronegócio é tudo” certamente pensam que EdoC e educação rural são a mesma coisa...

Merece um registro o momento em que passamos a nos preocupar mais em compreender teoricamente a EdoC: era o final da década de 2000, quando estávamos completando dez anos, e começavam a se multiplicar as práticas e as perguntas: quando uma prática pode ser chamada de EdoC; o que é mesmo a EdoC. Bernardo M. Fernandes foi talvez o primeiro a nos provocar a esta reflexão: a EdoC já era um conceito; já se poderia/deveria falar de uma “teoria da EdoC”... Mas com o cuidado de fazer um debate conceitual não apenas acadêmico, mas vivo (a EdoC nunca foi um ideário abstrato)... A propósito dos dez anos do Pronera – ao se discutir as relações entre o Pronera e a EdoC, acabamos avançando na reflexão sobre o conceito/a concepção de EdoC que nossas lutas e práticas estavam produzindo. É deste momento a leitura que fizemos de que a EdoC precisa ser pensada sempre na tríade *campo – política pública – educação*... É especialmente essa tríade que permite pensar a EdoC também como uma chave de análise...

2. *A diversidade de sujeitos em luta* que compõe a EdoC e cada vez mais se amplia. Sujeitos coletivos com suas lutas particulares, mas se associando para lutas comuns... Lutas que chamam práticas e cooperação de práticas; práticas que chamam lutas para que possam continuar existindo – *não se deixar queimar, não se deixar morrer*...

Começamos juntando apenas alguns sujeitos... Entretanto já afirmamos desde o início o que viria a ser a EdoC... No documento preparatório da I Conferência Nacional (1998) afirmamos:

“Utilizar-se-á a expressão *campo*, e não a mais usual, *meio rural*, com o objetivo de incluir no processo da conferência uma reflexão sobre o sentido atual do *trabalho camponês* e das lutas sociais e culturais dos grupos que hoje tentam garantir a sobrevivência desse trabalho. Mas quando se discutir a educação do campo se estará tratando da educação que se volta ao conjunto dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, sejam os camponeses, incluindo os quilombolas, sejam as nações indígenas, sejam os diversos tipos de assalariados vinculados à vida e ao trabalho no meio rural. Embora com essa preocupação mais ampla, há uma preocupação especial com o resgate do conceito de *camponês*. Um conceito histórico e político...”

Especialmente a partir das lutas pelas diretrizes operacionais da EdoC (2002) e dos processos que culminaram na II Conferência em 2004 ampliamos bem o leque; movimentos sindicais primeiro, outras organizações depois... Nas tensões e potencialidades que o diverso traz... Hoje, sem dúvida, a diversidade, cada vez maior, de sujeitos é patrimônio e intencionalidade... A EdoC é também das águas e das florestas; é indígena e quilombola; tem as comunidades ribeirinhas e extrativistas; continua camponesa e se desafia a envolver os assalariados rurais... É de todas as cores e gêneros...

No depoimento de Joana, representante de uma organização quilombola no Encontro Nacional das LEdoC de 2014, no PA, a síntese do que a EdoC pode ser: *na EdoC encontramos um espaço para estar com outras organizações, fortificando nossa luta. E descobrimos que pra ser da EdoC não precisávamos deixar de ser quilombolas; ao mesmo tempo que nos tornamos quilombolas diferentes depois de participar da EdoC...*

Também é força e novidade da EdoC acolher/articular/contar com outros sujeitos, não originariamente do campo: pessoas, grupos, coletivos, instituições que assumem a causa da EdoC e passam a se inserir organicamente na sua construção...

Quando diversidade se junta com luta traz o desafio de como construir a unidade do/no diverso... Aprendemos no percurso das lutas que *unidade política não é padronização*... Quem quer padronizar tudo é o capital. Somos diversos e queremos compor *territórios de igualdade social e diversidade* (natural e humana). E podemos/precisamos ter *unidade política* (e afinidade de concepção formativa / pedagógica) contra nossos inimigos comuns e em torno de *objetivos de longo prazo em comum*. Unidade política que por sua vez se fortalece como trabalho, conhecimento, cultura... Com o desafio é manter o protagonismo dos sujeitos coletivos do campo nessa construção...

E principalmente: o que não podemos deixar de fazer junto é *lutar*. De diferentes formas, com diferentes sujeitos, em diferentes níveis... Talvez possamos dizer que a luta é o “princípio último do ser” da EdoC...

3. *É força material (componente essencial) da EdoC sua raiz no trabalho do campo e nas comunidades camponesas*, em sua diversidade de modos de fazer agricultura... Lutas e práticas que juntam educação e trabalho, na disputa de territórios entre a agricultura camponesa e o agronegócio, o hidronegócio, o mineronegócio... Raiz que fortalece a construção político-formativa quando se conecta com o “solo fecundo” da agroecologia e assume o confronto com o projeto de agricultura do capital – que tira a cultura do agro e coloca o negócio... Agronegócio não é agricultura, por isso não pode ser o solo da EdoC – não tem a energia vital que nos pode sustentar... Cada território camponês conquistado ou resgatado é força para a EdoC: assentamentos de reforma agrária, terras indígenas e quilombolas demarcadas ou retomadas, novas comunidades camponesas...

Desde o início afirmamos que na EdoC o debate de campo precede o debate da pedagogia, embora sempre se relacione com ele. E o debate sobre o campo é fundamentalmente sobre a questão do trabalho, que traz colada a questão da cultura e da diversidade de seus sujeitos. Por isso a pergunta “Qual é o campo da EdoC”, tornou-se agenda obrigatória de todas as nossas atividades...

Começamos buscando recolocar o campo e a educação das famílias trabalhadoras do campo na agenda política do país... O avanço (tão voraz quanto insano) do agronegócio, no contexto da crise estrutural do capitalismo que o torna ainda mais depredador do ser humano e da natureza, explicitou com mais força as contradições fundamentais do modelo do capital para a agricultura e isto tem acelerado e aprofundado a construção de alternativas...

A agricultura camponesa (que é também quilombola, indígena, ribeirinha...) é a base da força material da EdoC... O avanço territorial da agricultura camponesa agroecológica dá ainda mais sentido à existência da EdoC, porque precisa dela para este avanço...

4. *A EdoC já se constitui ou se projeta como cultura. É cultura: sinal e componente de força material.* Cultura produzida pelas lutas, pelo trabalho, pelas práticas em comum e na diversidade de seus sujeitos..., uma forma de síntese do diverso e unitário que somos...

A palavra cultura deriva do verbo latino “colo” que significa: eu moro, eu ocupo a terra; nós trabalhamos, cultivamos o campo... No particípio passado se diz “cultus” e no particípio futuro se diz “culturus”... (Bosi, 1992, p. 11)²

Neste sentido originário, *culta* (de “cultus”) é uma sociedade (um grupo, uma comunidade) que produziu o seu alimento e já tem memória (p. 13). E *cultura* (de “culturus”) indica o que se quer cultivar, o que se vai trabalhar (dimensão de projeto), a partir do acúmulo que já se sabe ter e da qualidade obtida pelo trabalho feito – conhecimento e sentimento combinados (p. 13)... Supõe uma consciência coletiva “operosa e operante que desentranha da vida presente os planos para o futuro”... (p. 16). Como substantivo, cultura indica tanto as lutas no solo, como *agri-cultura* quanto o trabalho formativo intencional a ser feito no ser humano desde a infância (educação)...

Os sujeitos coletivos da EdoC têm sua própria cultura. A experiência de participar da EdoC (como de outras associações de luta mais ampla) lhes permite construir uma nova síntese cultural, que não precisa/não deve ser “aculturação” ou “invasão cultural” (Paulo Freire) que destrói ou subordina a herança cultural que traz, mas sim *diálogo de culturas* que é também transformação cultural, que acompanha o movimento da vida e suas contradições... Uma nova cultura que não arranca raízes, mas que também necessita quebrar tradições, inclusive as camponesas, de patriarcalismo, machismo, preconceitos vários, conformismo,... e quebrar os pilares culturais e ideológicos do modo de vida capitalista: consumismo, individualismo, presenteísmo, hedonismo insensato,... mercadorização de tudo...

A dimensão ou a matriz da cultura da/na EdoC é ao mesmo tempo expressão da sua força material e um dos componentes desta força. Alguns dos elementos que conseguimos identificar na sua expressão atual:

- ✓ *Cultura do direito ou da consciência do direito* forjada nas lutas e que fortalece o ímpeto de lutar... Direito de *ser humano*, de existir e ser reconhecido como ser humano... direito de lutar pelo que se tem direito de conquistar, como ser humano, como membro da sociedade... Que incide na forma e no conteúdo das políticas públicas pelas quais se luta... E é também cultura do *direito à diversidade*, em todas as dimensões da vida...

² Bosi, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

- ✓ *Cultura do coletivo*. Direitos humanos coletivos. Luta coletiva. Trabalho coletivo. Organização... Vida em comum...
- ✓ *Cultura do respeito à terra, à natureza como bem comum*, como herança a ser deixada para as próximas gerações... Valorização da biodiversidade e de uma agricultura que seja cultura de interação com a natureza e não deprecação... Cultura também como *tecnologia*: forma de desenvolver as forças produtivas em interação com determinada forma de relações sociais...; modo de trabalhar, ferramentas de trabalho...
- ✓ *Cultura como mediações simbólicas, artísticas*: gestos, cantos, desenhos, poesia, mística,... que ajudam a enraizar nossas experiências atuais no passado, até para transformá-lo, mas sem destruí-lo, *sem que se deixe queimar*... A EdoC já deixa como herança uma riqueza imensa de produções dessa ordem... Que em muitas situações podem ser a porta de entrada para quem chega nela agora... A arte da I Conferência; a arte agora dos 20 anos; canções diversas... poemas mil, peças de teatro,...

E há um componente educativo muito importante destacado em uma crônica de outubro de 2017, por Rafael Villas Bôas, a propósito do seminário dos 10 anos da LEdoC na UnB: um dos grandes legados da EdoC é consolidar a consciência do direito à expressão estética para os povos do campo, das comunidades camponesas, dos quilombos, das aldeias indígenas,... por meio da apropriação dos meios de produção simbólica de todas as linguagens, e do fortalecimento do diálogo com as formas tradicionais de manifestações culturais e de resistência política. Elementos constituintes e orgânicos de uma experiência de formação integral, quando estamos conscientes de que nenhuma dimensão do ser humano deve ser postergada se o que está em jogo é a luta pela emancipação e a transformação social...

5. *A força material da EdoC está hoje muito especialmente nas escolas do campo, e nas educadoras e nos educadores do campo* que constroem e sustentam essas escolas junto com seus estudantes, suas comunidades... São as escolas que impedimos de fechar e que criamos, construímos com nossas lutas, nosso trabalho... Também os cursos de formação de educadores que foram criados para ajudar a pensar e a fazer a escola que integra a dinâmica da EdoC (especialmente nossas Licenciaturas em EdoC, nossas Pedagogias da Terra...). Junto com as comunidades camponesas (quilombolas, indígenas, assentadas, de pequenos agricultores familiares,...) permitem *o fluxo da energia vital que alimenta a EdoC*... São componentes básicos deste solo vivo...

A escola tem sido objeto privilegiado da EdoC. Os processos educativos vividos e intencionalizados pelos sujeitos coletivos da EdoC são amplos e diversos. Não cabem na escola. Menos ainda em escolas gradeadas, cercadas, muradas... Mas a escola (pública) toma parte dos processos educativos que constituem a EdoC, desde seu início. Como luta social e política e como construção pedagógica. Por isso no nosso balanço projetivo dos 20 anos precisam ter um lugar de destaque.

Os processos de territorialização da agroecologia camponesa precisam do trabalho crítico e criativo das escolas do campo. Mas precisam de uma escola aberta às transformações que a descolem das grades impostas à escola pelo sistema do capital. *A agricultura camponesa agroecológica do nosso tempo tem reconstruído/transformado a função social da escola do campo*...

A transformação se refere essencialmente a algo ao mesmo tempo muito simples e muito complexo. Trata-se de retomar a conexão perdida entre escola e vida... Esta conexão, no campo, passa por promover o reencontro das famílias camponesas, especialmente das novas gerações, com a *agri-cultura*, ou a agricultura em seu sentido “verdadeiro”... Isso requer a citada “consciência operosa e operante” (Bosi) que sabe/pensa qual o legado a ser passado para as novas gerações pensando na projeção de futuro (da agricultura, do ser humano, da natureza...). Esta consciência/intencionalidade avança movida por sentimentos, valores, vivências práticas, mas também pelo conhecimento cada vez mais rigoroso sobre o que é *agri-cultura*, quais os fundamentos de uma agricultura ancorada na vida; o que é o agronegócio e porque ele não representa o futuro da agricultura...; sobre o que é necessário preservar, avançar, transformar...

A escola que se vincula a esses desafios formativos não é a escola que serve ao agronegócio (verde ou preto ou vermelho...)... Também não é a antiga escola rural do “B com A”, que considerava que para trabalhar na roça não precisa de muitas letras... É outra escola. A que já estamos construindo e que se converte em força vital para a continuidade do campo, da EdoC e que por sua vez precisa ser fortalecida na continuidade de nossas lutas, nosso trabalho...

O solo vivo da EdoC, destaque-se por último, não é cada um destes pontos de força em si, mas sim a mistura de tudo isso; sua conexão...³

...

³ Uma análise das conexões que constituem ao mesmo tempo o legado dos 20 anos e os desafios da continuidade de construção histórica da EdoC pode ser encontrado no texto feito a propósito do Encontro Nacional – 20 anos Educação do Campo e PRONERA. FONEC, Brasília/DF, 12 a 15 de junho 2018: “Educação do Campo 20 anos: um balanço da construção político-formativa” (integrará livro do Encontro, no prelo).